

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	CÓDIGO DA FICHA					
	--	--	--	--	F60	--
	UF	SÍTIO-	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Comunidade <i>Mbyá-Guarani</i> em São Miguel Arcanjo
LOCALIDADE	Reserva Indígena Inhacapetum
MUNICÍPIO / UF	São Miguel das Missões/RS

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Artesanato		
OUTRAS DENOMINAÇÕES	<i>Mbae'apó</i> ("o que faz com as mãos")		
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA		

3. EXECUTANTEOBS.: PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O (A) ENTREVISTADO(A) VER **ANEXO 4: CONTATOS**.

NOME	Artesões <i>Mbyá-Guarani</i> da <i>Tekoá Koenju</i> (aldeia alvorecer)		☒ MASCULINO ☒ FEMININO
OCUPAÇÃO	Participação na produção doméstica, incluindo o artesanato.	Data de fundação da comunidade	10 de julho de 2001
RELAÇÃO COM O BEM	☒ MESTRE ☒ PRODUTOR ☐ PÚBLICO ☒ APRENDIZ ☒ VENDEDOR ☒ EXECUTANTE ☐ OUTRO _____		

NOME	Pará Reté (Elza Chamorro)		MASCULINO ☒ FEMININO	Nº. 2
OCUPAÇÃO	Participação na produção doméstica, incluindo o artesanato.	Data de nascimento	04 de julho de 1960	
RELAÇÃO COM O	☒ MESTRE ☒ PRODUTOR ☐ PÚBLICO ☒ APRENDIZ ☒ VENDEDOR ☒ EXECUTANTE			

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	--	--	--	--	F60	--
---	----	----	----	----	------------	----

BEM	☐ OUTRO _____
-----	--------------------------------------

NOME	Karaí Miri (Osvaldo Paredes)		X MASCULINO FEMININO	Nº. 7
OCUPAÇÃO	Participação na produção doméstica, incluindo o artesanato.	Data de nascimento	16/05/1962	
RELAÇÃO COM O BEM	☒ MESTRE ☐ APRENDIZ ☐ OUTRO _____		☒ PRODUTOR ☐ VENDEDOR ☐ PÚBLICO ☒ EXECUTANTE	

NOME	Karaí Tataendy (Mariano Aguirre)		X MASCULINO FEMININO	Nº 29
OCUPAÇÃO	Participação na produção doméstica, incluindo o artesanato.	Data de nascimento	08 de abril de 1962	
RELAÇÃO COM O BEM	☒ MESTRE ☐ APRENDIZ ☐ OUTRO _____		☒ PRODUTOR ☐ VENDEDOR ☐ PÚBLICO ☒ EXECUTANTE	

4. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS.

05 – Elza Chamorro produzindo bolsa 09 – Exposição de artesanato <i>Mbyá-Guarani</i> 3 26 – Mulher <i>Mbyá</i> esculpindo e filhos 73 – Entalhe decorativo

5. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

O artesanato produzido pela comunidade <i>Mbyá-Guarani</i> em São Miguel das Missões é, atualmente, uma de suas principais formas de subsistência, sendo confeccionado cotidianamente pela maior parte do grupo. São confeccionados instrumentos musicais, arcos e flechas, adornos corporais (colares, brincos e pulseiras), chocalhos e figuras zoomórficas (retratando animais da fauna subtropical das matas onde circulam os Guarani), ou antropomórficas esculpidas em madeira (imagens em miniatura de índios Guarani realizando diversas atividades como a pesca e a caça com arco e flecha). Há os que fabricam os <i>pety'gua</i> (cachimbos sagrados), em cerâmica ou madeira, objetos que não são comercializados, apenas utilizados pelos próprios <i>Mbyá</i> em momentos rituais na <i>Opy</i> e também à beira do fogo.
--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

--

--

--

--

F60

--

Os *Mbyá* esculpem ainda esculturas da cruz missioneira (chamada de cruz de Lorena, de quatro braços) e presépios (principalmente na época do Natal), além da produção de cestaria.

A técnica tradicional deste ofício é passada de geração em geração, dos mais velhos aos mais jovens, constituindo-se numa das principais atividades de socialização e aprendizagem da criança ou do jovem sobre a tradição *Mbyá*. Desde muito cedo as crianças passam a ter contato com as ferramentas utilizadas na confecção das peças (pequenas facas e canivetes para talhar a madeira, barras de ferro finas e compridas utilizadas para queimar a madeira) por seus pais e avós. As peças artesanais são produzidas quase exclusivamente dentro do espaço da aldeia e comercializadas principalmente no alpendre do Museu das Missões, localizados dentro do Sítio Arqueológico São Miguel Arcanjo, no município de São Miguel, mas também em outros centros urbanos da região. Por ser produzido na aldeia, esse ofício está diluído no cotidiano da comunidade, sendo constantes as cenas de mulheres trançando cestos e amamentando seus bebês, adolescentes elaborando arcos e flechas e homens talhando ou queimando a madeira enquanto conversam tomando chimarrão.

Quanto a uma possível divisão de gênero na produção artesanal, não há distinção formal entre as tarefas desempenhadas por homens e mulheres. Ainda que, na prática, seja mais comum que os homens trabalhem com madeira, na produção de esculturas, e as mulheres trançando fibras de taquara na fabricação de cestos, fazendo colares, anéis etc. Os arcos e flechas parecem ser confeccionados tanto por homens quanto por mulheres e sobretudo por jovens. Na realidade, a divisão é dada mais pelas especialidades de cada pessoa. Porém, no processo de comercialização preponderam as mulheres, por “saberem lidar melhor com o dinheiro”, segundo relatos coletados. O artesanato é produzido por família, sendo os lucros de sua venda utilizados pela família que o produziu, seguindo o modo de produção doméstico (MPD). A cestaria é produzida principalmente com fibras de três tipos de taquara: taquaruçu (*takua pekuru*), conhecida vulgarmente por taquara brava; a taquara mansa (*jatebó*) e a taquarinha (*taquaité'i*). Para o trançado dos grafismos no corpo do cesto e para os acabamentos, é utilizada a fibra do *guembé* (de coloração marrom) ou fibras de taquara tingidas. Antigamente, a taquara era tingida exclusivamente com tinturas de espécies naturais retiradas da mata pelos *Mbyá*, o *tipó* e o *catiguá*, que soltam uma coloração avermelhada. Do *tipó* ferve-se a folha junto com a taquara que se quer tingir num mesmo recipiente; do *catiguá* ferve-se a casca. Ambos devem ferver por aproximadamente uma hora, tempo suficiente para a planta soltar a cor. Atualmente, em decorrência da indisponibilidade de acesso às áreas de mata e mesmo pela escassez de lugares assim, os *Mbyá* tingem a taquara com tinturas químicas adquiridas no comércio, ainda que algumas vezes utilizem a forma tradicional de tingimento (quando têm acesso à matéria-prima necessária). Antes de iniciar o trançado, é necessário deixar a taquara secando, o que leva de um a três dias.

A produção não se funda na ênfase do indivíduo, mas está organizada na cooperação mútua dentro da família. Hoje, o grupo familiar tornou-se mais restrito em tamanho, o que é observado pela dispersão das residências e das roças. A educação das crianças é tarefa compartilhada junto ao fogo de chão, ao mesmo tempo em que se preparam os alimentos, se confraterniza o chimarrão e se elaboram as peças de artesanato. A limpeza doméstica e o cuidado com as crianças menores são tarefas das mais velhas e dos jovens pré-púberes. O artesanato é motivo de trabalho coletivo, desde a coleta, o preparo das fibras e a confecção das peças. A venda de artesanato é a mais segura fonte de renda das famílias, embora os *Mbyá* não demonstrem inclinações como comerciantes ou negociantes. As pensões da previdência social ajudam bastante às famílias dos velhos beneficiados, o que reforça sua posição enquanto ser da tradição. O emprego de alguns dos *Mbyá* como agentes de saúde ou como professor bilíngüe tem permitido o ingresso de salários, facilitando a sustentação de suas famílias. Em cálculo aproximativo, é possível dizer que há muita variação na renda de cada família que oscila conforme o lugar da venda e a estação do ano. O artesanato de origem cosmológica ainda se manufatura, mas este não é vendido, utilizando-o apenas para uso e usufruto dos *Mbyá*. Destaca-se entre o artesanato tradicional, os confeccionados em cerâmica (como o *pety'gua*), e os bancos zoomorfos (bancos para sentar-se em forma de animais), utilizados por adultos e crianças em roda de chimarrão.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

--

--

--

--

F60

--

6 DESCRIÇÃO DO LUGAR DA ATIVIDADE**6.1 CARACTERÍSTICAS GERAIS**

A *Tekoá Koenju* (aldeia alvorecer), é o principal lugar da produção de artesanato para a venda. Observa-se facilmente, no cotidiano da aldeia, grupos junto 'as fogueiras, outros em pé encostados em alguma árvore, sentados tranquilamente à sombra e principalmente nos pátios e varandas das casas, todos os grupos familiares confeccionando artesanato. Isto ocorre porque a venda do mesmo tornou-se a principal fonte de renda da etnia. A coleta para a produção de artesanato efetua-se na mata ciliar da reserva, havendo outros pontos de coleta como, o Parque da Fonte, a mata São Lourenço, algumas matas de fazendas particulares (quando o dono permite) e outras aldeias, já que uma das mais fortes características dos *Mbyá* é a itinerância. As madeiras coletadas para o artesanato são o curupi, guajuvira (utiliza-se somente o cerne), o louro e a canela. Para a cestaria coleta-se, taquaruçu (*takua pekuru*), conhecida vulgarmente por taquara brava; a taquara mansa (*jatebó*) e a taquarinha (*taquaité'i*). Outro principal produto para a produção de artesanato é o cipó da planta chamada *guembé*, esta matéria-prima é escassa na aldeia, obrigando ao grupo a trazê-la de longe (geralmente da Província de Misiones, Argentina), aproveitando as visitas freqüentes que a etnia realiza a seus parentes, criando fortes laços de parentesco entre aldeias. Após o artesanato estar pronto, ele é transportado em ônibus até a cidade de São Miguel das Missões, distante 28 Km da reserva. Chegando à cidade os *Mbyá* vendem o artesanato no alpendre do Museu das Missões, dentro do Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo. O artesanato que não é vendido, é guardado na casa de passagem dentro do referido sítio. Organizados em grupos familiares, os *Mbyá* vendem o artesanato na cidade por turnos semanais. Determinadas famílias permanecem na cidade, residindo na casa de passagem, durante o tempo de venda. Terminado o período de venda desses grupos familiares, retornam a *Tekoá Koenju* e outros grupos deslocam-se à cidade. Revela-se nesta forma de produção de artesanato em série, uma problemática apontada pelo grupo há muitos anos e reforçada com a aplicação do INRC, a saber: a questão da privatização das matas e da reduzida mobilidade e acessibilidade que esta etnia tem "as áreas de mata. Sem a quantidade de mata suficiente e impedidos de circular livremente nas florestas como outrora, o grupo não tem condições de reproduzir seu *ñande rekó* (modo de ser). Os *Mbyá* são obrigados a produzir artesanato em série, para adquirir dinheiro e comprar produtos que facilmente poderiam ser obtidos nas matas ou plantados se tivessem o espaço que o grupo demanda. Se por um lado o artesanato torna-se possibilidade de obtenção de recursos econômicos, por outro os priva do tempo necessário para o grupo reproduzir outros aspectos de sua cultura. Para os *Mbyá* não há separação entre tempo de trabalho e tempo de lazer.

6.2 MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

Na Reserva Indígena Inhamatupum, destacamos a mata ciliar e o rio Inhamatupum como marcos naturais, locais onde são coletadas as matérias-primas para a elaboração do artesanato. Dentro da reserva, no Lugar *Tekoá Koenju*, encontram-se as casas do grupo, o posto de saúde, as casas tradicionais e a *Opy* (ambas de taquara, barro e telhado de *pindó* ou taquara). O artesanato é confeccionado em sua maior parte na *Tekoá Koenju*, principalmente nos pátios das casas em volta à fogueira e nas varandas.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	--	--	--	--	F60	--
---	----	----	----	----	------------	----

6.3 AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE

A mata ciliar em volta do rio Inhacapedum não possui grandes quantidades das matérias-primas, das que os *Mbyá* utilizam para a confecção do artesanato (como o curupi, a guajuvira, a taquara, o louro e o guembé). Assim, o manejo da mata pelo grupo é essencial para sua preservação como fonte de recursos naturais. A EMATER tem contribuído com vinte mil mudas de curupi (principal madeira utilizada na confecção de artesanato). O grupo sabe há milênios como utilizar a mata sem esgotá-la, não somente para o artesanato, pois o manejo da mata é constante. Coletada a matéria-prima na mata ciliar da reserva, a atividade do artesanato se transfere para a *Tekoá Koenju*, neste lugar a matéria-prima é trabalhada (corte da madeira e seca ao sol, trancamento das taquaras e cipós, e seleção de sementes para colares), se preparam as fogueiras, nos pátios das casas, para a queima do artesanato. Esta função da queima serve para decoração das peças entalhadas. Após a confecção das peças, o artesanato é levado pelas famílias para a cidade de São Miguel das Missões, a venda se realiza no alpendre do Museu das Missões. Os *Mbyá* não limitam sua circulação ao museu, eles se locomovem por todo o espaço do Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo, as crianças brincam por todo o sítio e o grupo que está na cidade pernoita na casa de passagem (onde também guardam o artesanato e realizam as refeições e tomam chimarrão à beira do fogo). Na cidade de São Miguel das Missões o grupo tem uma circulação específica, geralmente freqüentam os mesmos lugares, a saber: o bar do Cid, onde fazem lanches e guardam artesanato, os supermercados para fazer compras e a casa da equipe do INRC, onde vão conversar tomar chimarrão e fazer lanches.

7 TEMPO

7.1 PERIODICIDADE	O artesanato <i>Mbyá</i> é produzido durante o ano todo, constituindo parte importante do cotidiano da comunidade. A comercialização dos produtos, no entanto, respeita uma sazonalidade imposta pelo turismo na região, que é mais intenso no fim do ano, durante a primavera.
--------------------------	---

7.2 OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 1990

1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	x

8. BIOGRAFIA

Mariano Aguirre/ Karáí Tataendy, reconhecido artesão da *Tekoá Koenju*, nasceu em Tenente Portela/RS, no dia 08 de abril de 1962 e mora no município de São Miguel das Missões desde 1998, tendo acampado no Parque da Fonte com outros *Mbyá* antes da Terra Indígena Inhacapedum ser homologada. Ele é professor bilíngue, artesão, caçador, pescador e agricultor além de ser construtor, tanto de armadilhas de caça e pesca como de casas tradicionais.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

--

--

--

--

F60

--

9. ATIVIDADE**9.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES**

O artesanato é, principalmente, uma atividade repleta de significados tradicionais *Mbyá*, destacado através de suas imagens, um modo de vida pautado pelo conhecimento da mata e dos animais. Assim, pelo artesanato, é possível acessar elementos cosmológicos (mitos), fundamentais, que constituem o mundo *Mbyá-Guarani*, através das representações dos animais que dividem seu espaço, dos instrumentos que utilizam para reproduzir sua música e dança e de adornos utilizados em rituais, ocasiões festivas e atividades como a caça. A principal transformação ocorrida na confecção do artesanato foi o gradual abandono do artesanato tradicional, mais rico e elaborado, construído em madeiras de melhor qualidade (como o cerne da guajuvira), pela elaboração de um artesanato mais simples (geralmente em madeira curupi), e por peças e cestarias menos elaboradas. Isto, devido a que os turistas não estão dispostos a pagar por um artesanato mais trabalhado, que levaria mais horas de confecção. Essa problemática da ocupação de grande parte do tempo *Mbyá* para a confecção de artesanato, revela a demanda *Mbyá* por excelência, a saber: a falta de terras boas (*yvy porã*). Devido a essa falta de terras faz-se necessário a elaboração de artesanato como forma de subsistência do grupo. Entre as formas de artesanato *Mbyá*, destacamos a cestaria como um exemplo ilustrativo da dinamicidade e plasticidade da cultura *Mbyá*: anteriormente era confeccionada apenas para uso familiar e doméstico, para carregar os produtos da *kokué* (roça), como o milho e a mandioca. Atualmente, com a influência do turismo e do comércio, acentuam-se inovações quanto à forma, função, matéria-prima e decoração do artesanato *Mbyá*. O tingimento das fibras da taquara, por exemplo, provinha de espécies florísticas específicas já escassas ou mesmo inexistentes agora; habitualmente existiam alguns formatos únicos e próprios, hoje são confeccionados balaies de tamanhos e formatos diversos, com e sem tampa, coloridos ou não, com o objetivo de adequar sua arte à demanda comercial dos *juruá* (não-indígenas).

9.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

A *urucureá* (coruja) é figura zoomorfa sempre presente no artesanato do grupo. Segundo os *Mbyá*, o mito da coruja narra a história do mundo antes da criação da coruja por *Nanderu*. Nesse tempo a noite não existia, havendo somente o dia. Após a criação da coruja, a noite surgiu para que a coruja pudesse voar. Assim, para os *Mbyá*, a coruja é a dona da noite, quando a coruja canta na noite, é sinal de que se trata de uma noite boa e limpa (sem perigo), para andar nas matas.

9.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
1995	Os <i>Mbyá</i> começaram a vender artesanato no Parque da Fonte, antes da homologação da Reserva indígena Inhacapetum.
2001	A confecção de artesanato na aldeia ocorre desde sua criação no ano de dois mil e um. Atualmente turistas visitam a aldeia e efetuam a compra de artesanato na própria <i>Tekoá Koenju</i> .
1996	O grupo vende artesanato dentro do Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo, especificamente no alpendre do Museu das Missões.

10. PRODUTOS PATRIMONIAIS**10.1. REPERTÓRIO OU PRINCIPAIS PRODUTOS**

O grupo confecciona vários tipos de peças artesanais como figuras zoomorfas, antropomorfas, cestarias, instrumentos musicais, brincos, colares e pulseiras, como já especificado no item "Descrição do bem identificado".

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	--	--	--	--	F60	--
---	----	----	----	----	------------	----

10.2. PROCESSO DE TRABALHO E COMERCIALIZAÇÃO	
ETAPA	ATIVIDADE
COLETA DE MATÉRIA-PRIMA	Coleta da matéria prima na mata ciliar da Reserva Indígena Inhacapetum
PREPARAÇÃO DO LUGAR DE TRABALHO	Preparação das fogueiras para a queima das figuras zoomorfas e antropomorfas
CONFECÇÃO DO ARTESANATO	Processo de secamento das peças de madeira ao sol, entalhamento e queima das figuras zoomorfas e antropomorfas. No caso da cestaria, processo de corte das taquaras e trançado das fibras.
LOCOMOÇÃO	Transporte dos produtos ao local de comercialização
VENDA AO PÚBLICO	Venda do artesanato

10.3. PRINCIPAIS PARTICIPANTES	
STATUS	FUNÇÃO
<i>Tekoá Koenju</i>	O grupo coleta o material, confecciona e comercializa, organizado em pequenos grupos familiares.

10.4. CAPITAL E INSTALAÇÕES	
DESCRIÇÃO	Mata Ciliar da <i>Tekoá Koenju</i> (aldeia alvorecer)
QUEM PROVÊ	<i>Ñanderú</i> (conforme a cosmologia <i>Mbyá-Guarani</i>).
FUNÇÃO	Matéria-prima

10.5. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO	
DESCRIÇÃO	Matéria-prima curupi, guajuvira, taquara, louro, guembé, porongo, penas de galinha, sementes, anilina
QUEM PROVÊ	A mata ciliar
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Suporte material para a produção
DISPONIBILIDADE	Escassez de matéria prima dentro da área, acesso relativamente restrito a propriedades privadas. Necessidade de territorialidade livre aos <i>Mbyá-Guarani</i> , para a coleta da matéria-prima.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	--	--	--	--	F60	--
---	----	----	----	----	------------	----

10.5. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO	
DESCRIÇÃO	Ferramentas de trabalho para produção de esculturas zoomorfas e antropomorfas: facão, faca, canivete, varas de ferro (aproximadamente de 30 a 40 centímetros de comprimento e de 2 a 5 centímetros de largura).
QUEM PROVÊ	Cada família <i>Mbyá</i> provê suas ferramentas de trabalho (comprando no mercado, lojas de ferragem, ganhando de pessoas, trocando por artesanato, etc).
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	O facão a faca e o canivete são utilizados para o corte e a talha da matéria prima; as varas de ferro para a queima e decoração das peças.
DISPONIBILIDADE	Ocorre dificuldade econômica para a obtenção das ferramentas.

10.6. COMIDAS E BEBIDAS
Sem referência

10.7. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS
Sem referência

10.8. ADEREÇOS	
DESCRIÇÃO	Colares, pulseiras, anéis, tiaras, brincos, cestos utilizados pelos <i>Mbyá</i> no dia -a -dia, inclusive na venda.
QUEM PROVÊ	Cada artesão provê os seus
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Reafirmação de identidade étnica, sinal diacrítico, identidade cultural, identificação estética, manifestação cosmológica no plano físico.

10.8. DANÇAS
Sem referência

10.9. MÚSICAS E ORAÇÕES
Sem referência

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	--	--	--	--	F60	--
---	----	----	----	----	------------	----

10.10. INSTRUMENTOS MUSICAIS
Sem referência

10.11. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO
Sem referência

11. DESTINAÇÃO DO PRODUTO

PARA USO PRÓPRIO ☒	VENDE ☒	TROCA ☒	OUTRO ☐	ESPECIFICAR
PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR	SIM ☒	NÃO ☐	PRINCIPAL FONTE DE RENDA ☒	COMPLEMENTO ☐
MODO DE COMERCIALIZAÇÃO	DIRETO ☒	INTERMEDIÁRIO ☐	COOPERATIVA / ASSOCIAÇÃO ☐	

12. PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS OU ASSOCIAÇÕES

Sem referência

13. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO						
Lugar Tekoá Koenju	Anexo de bens culturais: A3.2 nº 04 Ficha de Identificação de bens: <table border="1"> <tr> <td>RS</td> <td>01</td> <td>02</td> <td>06</td> <td>F50</td> <td>01</td> </tr> </table>	RS	01	02	06	F50	01
RS	01	02	06	F50	01		
Lugar Parque Arqueológico	Anexo de bens culturais: A3.1 nº 03 Ficha de Identificação de bens: <table border="1"> <tr> <td>RS</td> <td>01</td> <td>01</td> <td>06</td> <td>F50</td> <td>01</td> </tr> </table>	RS	01	01	06	F50	01
RS	01	01	06	F50	01		

14. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

Sem referência

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

--

--

--

--

F60

--

15. DOCUMENTOS INVENTARIADOS**15.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL**

ÁVILA, Cristian Pio. "O que o Guarani vende?" – um estudo sobre sistema econômico e pessoa *Mbyá-Guarani* num contexto de relações interétnicas em São Miguel das Missões – RS". Porto Alegre: (Dissertação de Mestrado) PPGAS/UFRGS, 2005.

GEERTZ, Clifford. "O saber local". Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 2002.

LÉVI-STRAUSS, Claude. "O pensamento selvagem". Campinas: Papirus Editora, 2002.

CATAFESTO DE SOUZA, José Otávio. "Uma introdução ao sistema técnico-econômico guarani." Dissertação (mestrado em Antropologia Social) – PPGAS/UFRGS: Porto Alegre, 1987.

15.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

Anexo 2: Registros audiovisuais – Vídeos:

FITA 06 – Casa de passagem no Sítio Arqueológico; aldeia (artesanato)

FITA 07 – Apresentação Coral no Sítio Arqueológico e venda de artesanato

15.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Anexo 2: Registros Audiovisuais – 1. Fotografias e artes visuais nºs:

128; 140; 814; 184; 216; 217; 218; 219; 872; 873; 874; 875; 876; 877; 878; 879; 880; 881; 882; 883; 884; 885; 886; 887; 888; 889; 890; 912; 913; 914; 915.

16. OBSERVAÇÕES**16.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO**

Deve-se salvaguardar a mata e permitir o livre acesso aos *Mbyá-Guarani* para que possam reproduzir seu *nhande rekó*.

16.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

Sem referência

16.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

Sem referência

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	--	--	--	--	F60	--
---	----	----	----	----	------------	----

17 IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	Não foram utilizados questionários e os dados foram obtidos pela metodologia de pesquisa baseada na observação participante – técnica antropológica de coleta de informações – e conversas informais no convívio com os <i>Mbyá-Guarani</i> , além da pesquisa bibliográfica.		
PESQUISADOR(ES)	Adrián Campaña Daniele de Menezes Pires Mariano Aguirre (<i>Karaí Tataendy</i>) Osvaldo Paredes (<i>Karaí Mirii</i>)		
SUPERVISOR	José Otávio Catafesto de Souza		
REDATOR	Adrián Campaña Daniele de Menezes Pires.		DATA 11/09/2006
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Beatriz Muniz Freire		